

TRIBUNA ACADEMICA

PERIODICO SCIENTIFICO E LITTERARIO.

SEXTA FEIRA 15 DE JULHO DE 1864.

ANNO I.

N. 2.

Assigna-se a 3000 por trimestre, e subscreve-se nesta typographia, para onde deve ser dirigida toda a correspondencia.

TRIBUNA ACADEMICA.

Cometas.

*J'en sais beaucoup de par le monde
A qui ceci conviendrait bien :
De loin, c'est quelque chose ; et de près, ce n'est rien.
(La Fontaine Fables.)*

Sabeis, leitor, qual a idéa que as velhas fazem quando ouvem uma coruja piar, ou quando vêm uma borboleta preta esvoaçar pela casa, em sexta-feira?

Amplia-a e muito, e terej uma idéa do terror, que os cometas, pacificos romeiros, infundiam ás gerações que foram.

Para prova-lo, vou citar-vos um facto:

O cometa de Halley, que em 1758 deu á Clairaut o prazer de vêr confirmados seus calculos, já houvera produzido resultados bem differentes, pois tendo brilhado no firmamento em 1456, em quadra bastante calamitosa, foi tal o terror que inspirou *Urbi et Orbi*, que o Papa Calixto III fez, á esse manequim de desgraças e pestes, as honras de ordenar que fossem feitas preces publicas para salvação do povo terraqueo.

O cometa apreciou tanto essa deferencia para consigo, que foi-se em paz, contentando-se em vir fazer-nos visitas amigaveis e espaçadas de 76 annos.

O que não fariam esses mesmos, se presenciassem a separação de um em dous cometas, como succedeu ao de Gambart em 1846, continuando elles de conserva sua viagem, e mostrando-se de novo em 1852 no mesmo estado, reinando perfeita harmonia entre o fecundo cometa e seu primogenito?

Provavelmente fariam o que nossas velhas ainda hoje praticam: pois que quando vêm um *arco da velha bebendo agua*

no rio, agarram uma faca, e o cortam tres vezes em cruz, para que elle não sorva os peixes. dizendo de cada vez — *l'arrenego!*... findo o que, vai uma pedrinha de sal para o fogo, e... lá se vai o arco; pudéra não!... se ellas andam tao de vagar.

Mas o que ha na appareição de um cometa, que possa causar sustos?

Seu aspecto simples ou multicaudato?

Qual!... Hoje nem as crianças tem medo de mascaras narigudas...

Sua luz? E' tão fraca que não póde causar mal á vista, sendo além d'isso geralmente admittido que ella é reflectida do sol.

Algum abalroamento com a terra?

E' possível mas não é provavel; ao menos, durante minha vida (*e não sou muito velho*) estou convicto de que não apreciarei esse espectáculo.

O que não é muito difficil, é que mesmo parece ter succedido em 1819 e 1823, é que a materia cosmica da cauda, toque ou mesmo penetre nos a atmosphaera, (pois que ellas sabem crescer) e tal seja sua natureza, que alguns incomodos possamos sentir; mas qual seja ella, *digam os sabios da escriptura*, e enquanto não soubermos, e os factos não provarem evidentemente que ella é perniciosa, não ha razões para termos medo.

Mas, como esses astros gravitam pelos espaços *ut pisces in oceano* como disse Kepler, admittamos que, em um bello dia, a terra e um dos taes se encontrem.

O que poderá resultar d'ahi?

Interroguemos á observação e ao calculo.

A observação mostra que as caudas dos cometas, causa principal do terror que elles tem infundido, crescem tanto mais, quanto mais proximos se acham elles de nosso fóco de

FOLHETIM DA TRIBUNA ACADEMICA.

CANOA

POR

AMEDÉE PICHOT.

Tradução

DE

F. da C. Beltrão de A. Pereira.

(Continuação do numero antecedente.)

A prova foi aceita e Dominica não fez objecção alguma. Ora, convencionaram que cada um dos dous discipulos teria suas entrevistas em particular, afim de fazer ao mesmo tempo sua côrte e seu desenho. Ao cabo de tres semanas, os dous

retratos deviam ser expostos ante um certo numero de juizes escolhidos entre os conhecedores de Roma, cujo suffragio considerar-se-hia lei.

Desde o dia seguinte, Dominica consentiu em pôr-se ás ordens d'elles.

Antonio lhe perguntou naturalmente se não tinha desejo de vêr-se representada sob um costume antes que sob um outro.

Os retratos mythologicos estavam, então, em voga.

— Eu li, ha dias, diz Dominica, uma allegoria que me vêm agora á memoria: é a historia de Metra, filha de Erysi-chthon. Sabeis que esse desgraçado principe da Thessalia, tendo incorrido na colera de Céres por ter derrubado uma arvore consagrada á essa Deusa, foi victima de uma fome insaciavel. Todos os sous dominios foram successivamente devorados por elle proprio. Terror de sua familia e de seu paiz por sua voracidade, reduzido a uma vida errante e proscripto por toda a parte, porque trazia consigo o ameaço de

movimento e calor, o sol, e que tomam uma forma hyperbolica, extremamente variavel, consequencia do effeito de duas forças, que são, o movimento proprio do cometa, e a impulsão exercida sobre a materia da cauda, pelo calor irradiado do sol.

D'esses dous factos, a unica conclusão logica é que a cauda não é mais que uma tenue nuvem, proveniente da evaporação da materia que constitue o nucleo, e tão tenue que anteposta a uma estrella das *menores* que vemos luzir no firmamento, em nada lhe offusca o brilho, como o demonstram centenas de observações.

E' pois evidente que o choque da cauda d'um cometa não pôde causar inconveniente algum ao movimento da terra, nem a seus habitantes.

As leis da gravitação, ás quaes os cometas até hoje se tem sujeitado de tão boa vontade (o que prova não serem elles tão máus como os querem pintar) demonstram que corpos de massa bastante pequena (*os satelites de Jupiter*) tem perturbado consideravelmente o movimento de cometas, sem que estes tenham causado alteração alguma apreciavel em sua marcha.

Ora, as acções e reacções são iguaes, como o descobriu e demonstrou Newton; logo: a massa do cometa é extremamente insignificante em relação a de corpos de massa bastante pequena.

Comparando a terra e o cometa á um cavalleiro da idade media á galope, e um beija flor, que voando contra elle vá incautamente esbarrar-lhe na côta de malhas; o que succederá?

Pobre cometa, coitado, em que apuros se terá de vêr!...

*Novos ares, novos climas
Irá longe respirar.*

Se aqui na terra, onde temos uma Lua só, e essa de respeitavel grandeza, ha tantos receios de que os cometas venham divertir-se connosco, dando-nos algum encontrão; digamos, porque collicas não hão de passar os habitantes do Planeta Saturno, que com a approximação de qualquer d'elles, hão de estar vendo a hora e o instante em que um esbarro com qualquer de suas sete luas, ou com o triplice anel que os rodeia, fará despencar-se algum pedaço do céu velho sobre as cabeças dos pobres Saturninos?

uma fome; compellido á todas as especies de subterfugios para viver, viu-se, dentro em pouco, obrigado a vender sua filha. Por felicidade, Metra recebera dos Deuses o d. m. de metamorphosear-se sob um numero determinado de formas. Erysichthon a vendeu como escrava, e ella voltou como ave: vendeu-a sob a forma de ave, e ella voltou como corcéll que elle vendeu ainda, até que, em fim, tendo esgotado a serie de suas transformações, lhe appareceu debaixo da primeira forma...

Canova se collocou diante de seu cavalleto para começar o retrato de Metra, mas se apercebeu de que a maliciosa filha de Erysichthon o tratava como á um comprador, e mudava, sem cessar, senão de formas, ao menos de attitudes; desesperadora mobilidade, que consternava ao mesmo tempo o amante e o artista. Como ousar queixar-se e obter uma complacencia, que não tinha o direito de exigir? Varias entrevistas se passaram assim, a entrever com attitudes differentes, sem poder fixar uma sobre o cartão. O dia approximava-se: Raphael Morghen tinha visos de triumphante. Em lugar de quei-

Deixemos pois os cometas seguirem seu curso, estudemos suas orbitas e periodos, e vejamos n'elles sómente romeiros pacificos, que de tempos em tempos vem fazer-nos seus cumprimentos attenciosos, sem que tenham a menor intenção de fazer com que seus apreciadores terraqueos dêem cambalhotas pelos espaços.

Caro leitor; acabando de escrever isto, lembrei-me que La Fontaine dissera:

Les gens en parleront, n'en doutez nullement, por isso peço-vos que desculpeis algumas faltas.

CARDOZO DE MELLO.

Parallelo entre a nutrição animal e vegetal.

Não está em nossas forças fazer um parallelo entre a nutrição animal e vegetal, pois qualquer parallelo suppõe conhecimento perfeito dos objectos á comparar; porém, o desejo de concorrer, ainda que com pouco, para a cultura das sciencias, acompanhando n'esse desejo aos nossos collegas, nos levou á emprender uma tarefa por demais difficil; porém, ja que a empreendemos, procuraremos desempenha-la o melhor que nos fôr possivel.

E' crença, quasi geral, que grandes são as differenças entre nutrição animal e vegetal; que ha um antagonismo completo, isto é, que os vegetaes tomam na atmospheria e no sólo principios elementares, taes como: o *oxygenio*, o *hydrogenio*, a *agua*, o *ar*, etc., e os reduzem á principios immediatos, e que estes são tomados, por sua vez, pelos animaes, que os reduzem á principios elementares, fazendo d'esse modo os animaes dependerem dos vegetaes para sua nutrição, sem que estes dependam d'aquelles.

Nós porém, pensando como o professor Bernard, longe do admitirmos este antagonismo completo, cremos que ha pelo contrario, uma harmonia perfeita.

E' um erro dizer-se que os alimentos, que nutrem a planta, são diversos dos que nutrem o animal; pois se o animal se nutre de principios immediatos, a planta tambem se nutre; se o embrião vegetal vive com um blastema, o embrião animal, tambem vive com um blastema; e depois de desenvolvida a planta reune na raiz os principios alimenticios, que mais tarde, tem de nutri-la na floração e fructificação, o animal os

usar se, Antonio fez um esforço de genio, e, não se fiando mais, serião em sua memoria, acabou em quarenta e oito horas o desenho do concurso.

No dia convencionado os conhecedores, e os artistas convocados por Volpato se collocaram ante uma cartina, que, quando todos reunidos, foi levantada para deixar vêr os dous primores d'arte.

No primeiro, uma joven sorria com esse ar de confiança e de encantador abandono, que diz á um amante: « Quanto é doce acreditar-vos!... » Era o desenho de Raphael Morghen.

No outro reconheceu-se Metra vendida por seu pee, pois, por alguns accessorios não acabados era facil advinhar a allegoria. Era Metra que no ultimo periodo de seus subterfugios comprehendia que sacrificava, alfim, para sempre sua liberdade. Abaixava a cabeça tremula, porém resignada; uma lagrima errava sobre o bordo de sua palpebra, lagrima, que trahia ao mesmo tempo o sentimento de seu pudôr de donzella e o de sua tristeza. Essa figura era arrebatadora; e quer esse

reune no sangue e na sua propria textura para nutri-lo em um tempo conveniente; d'estas breves considerações podemos concluir que a nutrição da planta é analoga á do animal.

Poderiam agora nos objectar, que se a planta se nutre de principios immediatos, assim como o animal, estes principios são por ella formados, em quanto que o animal, não os formando, tem necessidade de os ir procurar no reino vegetal ou no proprio reino animal.

Porém é isto justamente o que resta provar: e como isso é impossivel, a formação de principios immediatos, para nós, na propria planta não passa de uma hypothese, que tem por fim explicar a formação de tantos e tão diversos principios immediatos, sem que a planta os tenha tomado no sólo, onde está fixa.

Porém é evidente que, se não se poder provar que a planta em contacto só com *agua*, *ammonia* e *acido carbonico* fórma estes diversos principios immediatos, jamais se poderá provar que elles são formados tão sómente por aquelles principios elementares já citados; e se poder explicar a formação dos principios immediatos encontrados na planta de um modo diverso, a formação d'elles pela propria planta será uma hypothese inadmissivel.

Porém concedamos, por momento, que a planta não tira esses diversos principios immediatos da terra.

O fim do estercor não é, por ventura, activar a vegetação dando á terra principios immediatos em decomposição?

Só ha aqui de admiravel que estes principios, sendo em tão pequena quantidade, sejam sufficientes para a vegetação da planta, razão por que muitos acreditam que a planta tira tambem seus principios immediatos do ar, porém esse embargo desaparece logo que tivermos em vista a sabia observação de Hales — a absorpção na planta é 17 vezes mais activa que no animal.

Concluimos, pois, que a nutrição vegetal é semelhante á animal; que se o animal depende do vegetal para sua nutrição, este tambem depende d'aquelle.

Longe, pois, de militarmos na fileira d'aquelles, que, em razão da necessidade, que tem o animal do vegetal para sua nutrição, acreditam que o reino vegetal é superior ao animal, e que tanto o animal, como o vegetal, necessitando do mineral, são inferiores á este, nós repellimos com todas as forças essa doutrina.

Ao contrario, pois, d'essa dessemelhança, que apresenta á primeira vista a nutrição nos dous reinos, podemos dizer, sem susto de errar, que ha uma semelhança enorme, uma harmonia perfeita.

Das substancias mineraes tomadas pelos dous reinos para sua nutrição, uma ha, que attenta a grande importancia, que tem na nutrição dos dous reinos, não podemos passar em silencio: essa substancia é o ferro.

Se a planta for subtrahida á acção da luz, suas folhas tornar-se-hão amarellentas, pallidas, e logo que applicarmos um sal de ferro qualquer, ellas voltarão á sua côr primitiva.

A amarellidão, a pallidez é, na maioria dos casos um signal de falta de ferro no sangue.

D'este facto podemos concluir que o ferro exerce a mesma influencia na nutrição dos dous reinos.

M. A. GONSALVES.

Doas victimas do cynismo.

I

FATALIDADE.

(Continuação.)

Dando começo á sua perigrinação pela Europa afim de apressar o mais possivel o seu regresso ao Brasil, contava o moço gastar pelo menos um anno mais em a sua viagem. Assim porém não aconeceu: Paris fechava o seu itinerario, e á Paris chegava finalmente Ernesto, e cinco mezes eram apenas decorridos desde que deixára Milão.

Jámais tão completa methamorphose em alguém se operára em um tempo tão curto; nunca o prisma da saudade decomposera de um modo tão sensivel as côres do enthusiasmo, d'esse enthusiasmo com que se vêem pela primeira vez cidades boiando sobre lagos, torres fendendo as nuvens, montes á vomitarem só chammas.

Em Paris, na capital da civilisação, no emporio dos divertimentos era Ernesto o viajor perdido que, abrasado pelo sol ardente do deserto, yaga por esses immensos oceanos de areia em busca de um gole de agua sem jámais conseguir chegar-se ás limpidas fontes que a *mirage* lhe offerece em torno; moder-

desenho excedesse realmente ao outro em perfeição, quer por termos em nossa natureza uma *sympathia* instinctiva, muito mais pronunciada para a melancolia, que para a felicidade, todos os juizes exclamaram á unisono: é Antonio Canova, que leva vantagem a Raphael Morghen.

Volpato volveu os olhos para o lado de Antonio, e seus braços abertos pareciam convida-lo a lançar-se sobre o seio de um pae. Antonio se approximou do mestre, mas não com a ancia de um vencedor; contentou-se com apertar a mão de Volpato, e mostrando-lhe Dominica em um canto da officina; Dominica que, por seu ar e sua attitude, reproduzia fielmente a expressão de sen retrato:

— Eu peço perdão á meus juizes, diz elle com uma voz, cujo accento accusava o esforço, que lhe custavam essas palavras, mas protesto contra a decisão, que tornar-me-hia o mais feliz dos homens; eu me retiro do concurso, e cedo a palma á Raphael. . . Vêde, senhores, acressentou mais baixo, vêde como essas palavras tiram já ao meu retrato uma

parte de sua semelhança; vêde Dominica levantar a cabeça; vêde seus olhos se reanimarem, e seu ingenuo sorriso agradecer-me: é á Raphael, que ella ama...

Sim, continuou Antonio, como para responder á surpresa manifestada por seus juizes. Cada um tem consciencia de seu talento; eu me sinto tão inferior á Raphael, que renuncio o lapis e o buril. Se ha gloria ppra mim, eu a deverei um dia ao cinzel do esculptor.

Raphael Morghen esposou Dominica.

Canova deixou a casa e officina de Volpato, trazendo consigo o retrato d'aquella que lhe havia preferido seu rival; porém não deixou de cultivar a amizade de um mestre, cujos conselhos teve sempre em muito.

O bom exito sómente podia justificar Canova por ter preferido o cinzel ao buril. Dous annos depois, em 1785, o embaixador veneziano Zuliana convidava para um jantar todos os hospedes illustres e artistas de nomeada, que se achavam, então, em Roma. Depois da sobremesa passaram para um

no Tantalos, vivia no meio dos gosos e nada podia distrai-lo. Mil horriveis ideias enlutavam-lhe a imaginação, um presentimento cruel confrangia-lhe o coração.

E que pois houvera podido motivar-lhe uma tão rapida quão profunda mudança?

Em Veneza teve Ernesto occasião de conhecer um joven prusso que, como elle, tambem viajava. Attraídos pela sympathia, ligados por inequivocas provas de amizade, foram em breve os dous moços — amigos dedicados — companheiros inseparaveis.

Algum tempo depois recebeu Alberto, assim chamava-se o joven prusso, uma carta da familia, na qual instava ella pelo seu regresso. Como bom filho, deu-se pressa o mancebo em acudir ao chamamento de seus paes; mas Ernesto devia tambem acompanha-lo, porque desejava e muito apresenta-lo á aquelles de quem tantas vezes lhe houvera fallado.

Os dous jovens partiram: chegados á Berlim, tomaram logo caminho de Perleberg, em cujos arredores demorava o castello de Alberto.

Era em um dos primeiros dias do mez de Junho, as arvores toucavam-se de novo do mais bello verde-escuro, as flôres perfumavam o ambiente, a neve descia das montanhas em longos fios crystalinos, tudo enfim inspirava doces carmes. O sol transpunha os alcantis das serras, as aves entoavam-lhe sonoros cantos, os pastores recolhiam os seus rebanhos e o estalar cont nudo do latego do cocheiro denunciava o pouco desejo, que tinha de ser envolvido pela noute antes de chegar á Perleberg.

Sentados em frente um do outro, havia algumas horas que os dous moços guardavam a mais completa mudez; Ernesto foi o primeiro á quebrar o silencio:

— Entristeces, quando deves alegrar-te?!

— Infelizmente assim é: aneio por abraçar os meus e tenho medo de chegar!

— Explica-te.

— Nunca fui visionario; mas ha na vida do homem factos taes, que o espirito mais sceptico não deixaria de sentir-se abalado em face d'elles. Ernesto, um grande infortunio pesa sobre mim.

— Como assim?!

— O coração m'o prognostica, uma voz intima o confirma,

— Crês então em presentimentos?

salão, onde Zuliana disse que queria mostrar a seus convivas um grupo de marmore recentemente acabado por um artista, cujo nome absteve-se de pronunciar. Esse grupo representava Theséo vencedor do Minotauro.

Todos consideraram aquelle trabalho como um dos mais perfeitos que Roma, até então, vira.

— Senhores, diz Zuliana, com uma satisfação um pouco gloriosa, o artista é meu compatriota. Em attenção a mim consentiu elle em trabalhar ás occultas.

Vamos, mestre Antonio Canova, vinde receber as felicitações d'estes senhores.

Ao Minotarro succederam Adonis corôado por Venus, Psychêo, Apollo, e todo esse Olympo do marmore, que povôa os palacios dos reis da Europa e o musêo do Vaticano.

Quando visitava-se em Roma a officina de Canova, acontecia-lhe algumas vezes contar a historia de seus primeiros estudos, e remontar á época, em que se acreditara chamado por sua vocação á rivalisar com Raphael Morghen. Depois mos-

— Até hontem não, porém hoje... praza a Deus que me engane.

— Já vejo que não és tão falto de prejuizos infantis como te cria.

— Ouve. Sabes perfeitamente que existem em a natureza certos agentes completamente estranhos aos nossos sentidos, mas que, actuando os corpos, dão-se-nos a conhecer pelos seus effeitos; pois bem; que impossibilidade ha emter Deus, auctor de tantas maravilhas, tambem creado um ser invisivel, de substancia talvez bein diversa da materia, que á semelhança d'esses agentes physicos só nos chegasse ao conhecimento pelas suas revelações?

— Não entremos n'estas indagações; entretanto, dize-me em que se fundam os teus receios.

— Na passada noute pesadêlos horriveis me não deixaram dormir, attribui-os á fadiga da viagem; hoje porém, ha duas horas findas, tive somno, quiz dormir um pouco. e não consegui, porque, apenas cerrava as palpebras, acordei em sobresalto. Foi horrivel o que então se me apresentou em sonho, se é que já dormia, o que não creio: minha mãe, deitada sobre um leito de relva, banhada em sangue, livido o rosto como o de um cadaver, apertava-me contra si, queria, mas não podia fallar-me, e eu suffocado pela dôr despertei ainda com os olhos humectados.

— Deixa-te d'essas superstições; dormias, nada mais natural que um sonho. Eu tambem soffro ás vezes pesadêlos tão horriveis que, se fôsse a ligar-lhes importancia, já teria pelo menos enlouquecido.

— Ha na historia da humanidade tantos factos, que á prestar-se-lhes credito, não podiamos deixar de admittir a existencia de um quer que seja, que nos revela muitas vezes o porvir. Cezar não fôra victima dos sicarios, se menos incredulo, cedesse aos rogos de Calpuznia, que o vira em sonho apunhalado em seus braços; Octavia não houvera escapado aos soldados de Bruto, se, despresando a revelação de Marco Artorio, se deixasse ficar em sua tenda; e quem me diz que não será o que hoje em mim se passa mais uma prova a registrar-se nos annaes do presentimento?

Os dous moços continuaram por mais algum tempo o seu dialogo — Ernesto procurando convencer á seu amigo de que tudo aquillo não passava de um pesadêlo devido a uma indisposição qualquer — Alberto justificando os seus receios por

trava o retrato de Dominica, que, então, havia desenhado; essa lembrança, que lhe custára outr'ora tantos suspiros, não excitava mais, no meio de sua gloria, senão um ligeiro sorriso; porém não se esquecia de manifestar seu reconhecimento para com seu primeiro mestre.

Acha-se, demais, uma confirmação sobre o portico da Igreja dos Santos-Apostolos, onde um monumento de marmore, erigido á Volpato, representa o retrato em medalhão d'esse artista corôado pela amizade, sob as formas de uma joven afflicta.

Esse monumento é de Canova.

FIM.

meio de considerações philosophicas e muitos outros factos historicos.

O carro parára, e o cocheiro veio annunciar-lhes que se achavam em Perleberg.

Os jovens viajantes não perderam tempo: apenas a pé tratou Alberto de cavalgar, em busca do castello de seus paes.

Horas depois fazia o moço soar a aldraba de uma grande porta; esta rodára sobre seus gonzos; Alberto trocára breves palavras com o porteiro, e ligeiro, qual um raio, ganhara o ultimo degrau de uma longa e larga escada de granito.

Ernesto seguindo sempre de perto á seu amigo achou-se em breve em uma vasta sala toda vestida de preto em cujo centro alguns cirios alumiam um ataúde.

Em um dos cantos da sala um triste velho, caído sobre uma poltrona, occulto o semblante entre as mãos, parecia querer d'est'arte roubar-se ao quadro negro, que se lhe antolhava.

Esse infeliz ancião, em cujo todo lia-se a mais acerba dôr era o pae de Alberto; nesse ataúde tinha o pobro moço uma parte do seu coração; sua mae ja não vivia.

Na manhan do dia em que Alberto sentiu o prognostico do infortunio, que o guardava, sua mãe anciosa por abraça-lo partia com seu marido a espera-lo em Perleberg.

Ao passar a ponte levadiça do castello a enfeiz foi victima de uma catastrophe: seu cavallo estaca, ella o fustiga e um salto inopinado do animal a lança no fundo do vallado, e a desgraçada, despedaçando o craneo contra uma rocha, succumbe sem poder ao menos apertar em despedida a mão tremula de seu consternado consorte.

Nunca morte alguma foi mais sinceramente chorada; nunca um filho julgou-se mais desditoso.

Apenas recebeu do porteiro a infausta nova, que lhe rasgava o peito, vôu o mancebo a beijar pela ultima vez a mão gelada d'quella que tantas vezes o tinha aquecido em seu seio abrasado de amor.

Alberto, não vendo mais que a sua desdita, lançara-se sobre o ataúde abraçando o cadaver e cobrindo-o de beijos.

Desgrenhados os cabellos, lividas as faces, empanados os olhos, offegante o seio, suffocado pelos soluços — era o actor da agonia nesse theatro de angustia.

Não tentaremos deserever a sublimidade de sua dôr; todos os nossos esforços seriam baldados; ajuiza-la pois deixamos á áquelle dos nossos leitores que, como elle, ja tenha soffrido um golpe tão pungente.

(Continúa.)

A. NORBERTINO.

POESIAS

A' minha estrella.

Vês além, no firmamento,
De Deus o santo ornamento,
Em noute de desalento,
Aquella estrella á fulgir?!
E' meu astro cambiante,
E' meu pharol que distante,
No meu caminhar errante,
Os dias me vem luzir!

E' meu phanal de esperança,
E' minha grata lembrança,
Meu futuro de bonança,
Meus suspiros no trovar;
Minha crença na ventura,
Doce alento na amargura,
Linitivo á desventura,
Essa estrella á scintillar!

Vem, estrella fulgurante,
De bellezas radiante,
Ostentando deslumbrante,
Encantos no teu luzir!
Não me fujas, vê que a vida,
Tu me levas oh querida,
Agora que tão florida
Começava á me sorrir!!

Ao ver-te, bella, engastada
N'essa campina azulada,
De mil outras rodeada,
Rainha no teu fulgor:
No peito me nasce a vida,
Reverdece a flôr cahida
Da primavera querida,
D'innocente e puro amor!!

Vês além, no firmamento
De Deus o santo ornamento
Em noute de desalento
Aquella estrella á fulgir?!
E' meu astro cambiante,
E' meu pharol que distante
No meu caminhar errante
Os dias me vem luzir.

A. F. Duarte.

Beija-flôr.

Beija-flôr
Que tanto adejas,
Porque beijas
Tantas flôres?
Como cabem,
No teu peito
Tão estreito,
Mil amôres?

Não enjôa.
Teu biquinho
Compridinho
Tanto mel?
Não se cansão
As azinhas
Levezinhas
De papel

Lá vae elle
Velozmente,

Tão contente
A vaguejar;
E' um brinco
De brilhante,
Delirante
Pelo ar.

Lá vae elle
Pelos prados,
Enfeitados
De mil flôres;
Vôa! vôa!
Maganão!
Vendelhão
De mil amôres!

Chega á rosa,
Lhe belisca,
Lhe petisca
O doce mel...
Como zunem-lh'
As azinhas
Levezinhas
De papel!

Deixa a rosa
Vae ao cravo;
Dá-lhe bravo
Bons beijinhos:
Deixa o cravo,
Beija o lyrio,
Com delirio,
Com carinhos.

Quantas flôres
Vae achando,
Vae beijando
Com furôr;
Oh! que amante
Bandoleiro!
Que brejeiro
Beija-flôr!

Oh! que vida
Tão ditosa!
Como goza
O sugueitinho!
Se eu pudesse
Vestir pennas,
Ser apenas
Passarinho...

Vôar longe
Por jardins,
Dos jasmims
Enamorar-me...
Ter no peito
Só desejos,
E em mil beijos
Saciar-me!

Ir pousar
N'uma roseira,
Tão faceira
A estremecer;
E garboso,
N'um só galho
Meu serralho
Perceber!

Oh! que vida
Tão ditosa!
Quanto goza
O passarinho!
E'dos bosques
O c'roado,
Enthronado
No seu ninho.

Quero ser
Um beija flôr,
Furta-côr,
E mui traquinas!
Que bonita
Travessura
Na doçura
Das boninas!

Ficar louco,
Embriagado,
Pendurado
N'uma flôr!
E quando ella
Desfolhar,
Terminar
O meu furôr.

Ir á rosa
Ind' em botão,
Com paixão
Ferir seu seio;
Beber ahi
Fonte pura
De ventura
E devaneio!

Sim. Não ha
Maior prazer,
Do que ser
Um beija flôr;
Bater azas
Por campinas,
Ser traquinas
No amôr.

Diga embora
Todo o mundo,
Que é immundo
O gozo meu;
Que eu nas azas
Me librando,
Vou voando
Até o ceo.

Saiba o mundo
Que eu adêjo,
E que beijo
Tantas flôres;
Por ser ella,
Aminha amada,
Refalsada
Em seus amôres.

D. J. FREIRE.

Boletim scientifico.

Com razão hesitámos, antes de aceitarmos a collaboração do Boletim Scientifico.

Se as sciencias, em nosso paiz, são cultivadas com proveito, esses resultados são guardados com usura e não vêm á luz da publicidade.

A' mingoa, portanto, de noticias do movimento scientifico do interior, iremos reproduzindo o que, de mais interesse, se publicar nas revistas dos paizes estrangeiros.

Julgamos estar em harmonia com o caracter d'esta columna.

Correspondencia entre as perturbações magneticas, as auroras polares e as mudanças da photosphera solar. — Além das variações seculares, annuaes e diarnas, que têm lugar com regularidade, a declinação de uma agulha magnetica soffre outras sem uniformidade que se denominam perturbações.

Em 1806 Humboldt procurou descobrir as leis que regulavam estes phenomenos, sem obter resultado algum.

Em 1820 Arago reconheceu a simultaneidade de perturbações combinando observações feitas em Paris com as effectuadas em Kasan. Esta conclusão foi depois confirmada, em 1843 por observações feitas na Siberia, Kiew, Paris, Breslau e outros logares.

Reconheceu-se, portanto, que estes phenomenos não eram resultados de perturbações no equilibrio atmospherico e produziam-se ao mesmo tempo em todos os pontos do globo.

Posteriormente, notou-se a correspondencia d'estas perturbações magneticas com as mudanças physicas da photosphera solar; d'onde foram ellas attribuidas á influencia solar directa.

Outros phenomenos têm igualmente muita relação com as perturbações magneticas e manchas solares: são as auroras boreaes.

Observando as oscillações da agulha magnetica, Arago predizia o seu apparecimento. A perfeita correspondencia entre estes phenomenos dá grande importancia ao estudo do disco solar.

A associação britannica tem trabalhado n'esse sentido e M. Howlet, em Londres, já tem publicado 128 desenhos do disco e grande numero de figuras das manchas.

O Magnesium como fonte de luz. — Procura-se actualmente aproveitar a propriedade que tem o magnesium de produzir uma chamma clara e brilhante, empregando-o como fonte de luz.

As experiencias feitas sobre sua combustão e applicação á photographia são muito satisfactorias.

Um fio d'este metal, tendo 0,^{mm} 297 de diametro, produz uma luz equivalente a 74 velas stearicas, consumindo em um minuto 0,^{gr}987 do fio, ou 0,^{gr}1204 em pezo.

Os retratos obtidos pelo seu emprego são semelhantes aos produzidos pela luz solar, nas melhores condições da atmosphera, sendo a distribuição da luz e sombra muito agradável.

Stenographia. — O grande problema da Stenographia — não gastar em traçar o signal mais tempo que o organo bocal em pronunciar a palavra, foi completamente resolvido por M. Bryois.

O aparelho de sua invenção imprime em caracteres typographicos a palavra mais rapidamente pronunciada, reproduzindo qualquer discurso em sua integridade.

A facilidade com que o aparelho póde ser manejado, a exactidão e promptidão com que um discurso poderá ser lido immediatamente depois de sua producção, dão grande merecimento ao Stenographo-impressor de M. Bryois.

Meteorologia. — Mr Coulvier-Gravier communicára á Academia de Sciencias o resultado de suas observações sobre estrellas cadentes e outros phenomenos semelhantes.

Estes resultados comprehendem o traço de uma curva polar representando, do 1° de Janeiro ao 1° de Maio, a apparição de estrellas cadentes segundo as direcções observadas e a resultante d'estas direcções; outro indicando as perturbações que suas trajectorias têm soffrido e sua resultante; e finalmente um terceiro traduzindo a direcção dos ventos e sua resultante.

De observações anteriores elle conclue que a curva de taes estrellas no 1° de Dezembro é quasi igual á do 1° de Maio.

E como a resultante das direcções dos ventos que banham á terra seria a mesma que a das direcções das estrallas cadentes, se não se dessem as perturbações, elle conclue a necessidade de determinar-se aquella curva no 1° de Maio e serem estudadas as mesmas perturbações.

Formula para avaliação do numero de balas de uma pilha qualquer. — Um alumno da Escola preparatoria o Sr. Cadete Valerio Publicola Alves de Souza, obteve uma formula para avaliação do numero de balas de uma pilha qualquer:

$$S=ou-zu.$$

- o.* . . . numero de balas da face triangular,
- u.* . . . numero de balas da maior fiada,
- z.* . . . somma dos quadrados de numeros de balas contidas nas fiadas pares da face triangular a contar da base.
- a.* . . . 1 ou 2; 1 se a pilha fôr rectangular ou quadrada, 2 para outra qualquer.

Não achamos simplicidade na formula, pois ella em si contém outras representadas por letras.

Quanto aos valores de *a*, ha confusão na maneira porque o auctor se enuncia.

Chronica.

As folhas diarias noticiaram ter fallecido em Londres o Dr. Joaquim Gomes de Souza, deputado á Assembléa Geral Legislativa.

E o titulo de que acompanharam aquelle nome, era para os nossos guiões do progresso o que elles entendiam que devia servir de epitaphio!

Patriotico procedimento, louvavel liberalidade, bello incentivo para os que se dão ao estudo das sciencias!

Morreu um deputado, vagou uma cadeira da representação nacional e. . . . nada mais.

Que importa a lacuna no magisterio publico? Que importa o calar-se esse homem, se nunca subscreveu um artigo jocoso ou não cantou-nos em parte alguma em estropiadas quadri-nhas as bellezas de sua *Ella!*

Não! Parase adquirir celebridade é mister divertir a sociedade algum tempo, embriagando-a com alguma diatribe em que bem se sangrem as arterias do proximo, ou quando muito improvisar um discurso sobre politica geral, bem ferino e insultuoso!

Que importam as vigalias, a primavera da vida gasta em holocausto á sciencia, os esforços inauditos tendo para exito uma enfermidade cruel e fatal?!

Que importa que aquelle homem ofuscasse, pelo brilho de seu talento, possantes e vigorosas intelligencias, engrinaldasse a frente dos mais bellos louros!

Que elle, fanatico, se identificasse com a metaphysica de uma sciencia aváa para seus proelytos!

Quem se interessa por cousas tão futeis?

Deputado pela provincia do Maranhão, aquelle homem pronunciou um ou outro discurso, mas nunca foi ministro de estado e nem ao menos presidente de provincia!

E' verdade que era lente cathedratico da Escola Central, que gosava de um conceito não vulgar; e havia conquistado, por seus dotes intellectuaes e assiduo trabalho, uma reputação singular.

Mas. . . . nunca foi ministro de estado nem presidente de provincia.

A imprensa custa caro e concedem-se as apologias de conformidade com a jerarchia social.

E que lugar tem um mathemathico distincto na jerarchia social?

Que excentricidade! Quem se lembra, no Brasil, de gastar o seu tempo occupando-se com taes *curiosidades*? A sciencia vêm-nos de Paris, magnificamente encadernada e por commodo preço.

N'este paiz não ha gloria sem eleições.

As linhas de louvores, de elogio, de apotheosis, regem-se por tabella, como as viagens em tilbury.

E excepto os auctores de scenas comicas e de madrigaes insulsos, não contando os capitalistas e fazendeiros opulentos (que sempre acham quem lhes faça a necrologia) todos os outros são classificados no obituario geral: — é necessario que fique espaço para os annuncios de *Xarope de Arrault* e para as listas geraes dos premios de loteria.

Mathematicas! Não nos incommodeis, não vos incommodeis com isso! Só a França é que pôde produzir os Descartes, a Allemanha os Leibnitz, a Inglaterra os Newton.

Procurai uma carreira que tenha successos estrondosos e immediatos, se não quereis ficar nas trevas.

A morte do Dr. Souza só muito tarde nos chegaria aos ouvidos se não deixasse vaga uma cadeira no parlamento.

Arautos da imprensa, prosequi na vossa gloriosa missão!

Lemos a *Visão dos Tempos*, do Sr. Theophilo Braga, poeta açoriano.

Se fallamos d'esse livro, não é porque entendamos que nosso juizo peze na balança de condigna reputação.

Entretanto, supponmos que o pequeno circulo de nossos leitores dará credito ás nossas informações.

A *Visão dos tempos* é uma collecção de poesias homericas, biblicas e christãs.

O auctor é joven, mas ostenta grande cabedal de litteratura.

Ha n'aquelle livro imagens esplendidas e arrebatadoras, rasgos sublimes de eloquencia e este *não sei que* de inexplicavel e deleitoso, que transuda o escripto elaborado com o tacto do talento artistico.

Aconselhamos que o leiam; e verão que a impressão obtida ha de corresponder ao que está exarado no pompo *juizo critico*, que precede a obra.

Publicou-se o 2.º numero d'este anno, da *Revista dos Ensaios Litterarios*.

O espirito de classe poderia tornar suspeito o que dissesemos em abono dos — *Apontamentos historicos* — do Sr. A. Pereira Leitão; dispensamos por isso qualquer analyse. Demais, o collega bem sabe que muito apreciamos o seu talento e reconhecemos que é infatigavel no estudo da historia.

Oxalá que aquellas paginas, tão patrioticamente redigidas em prol de Silva Xavier, sejam o introito para empreza de maior vulto.

Ainda d'esta vez não nos agradaram muito as poesias.

A' *Lopes Junior* destaca-se pela harmonia e pensamento, apesar de sacrificar ás vezes o Sr. A. Caetano de Campos a clareza do sentido ás regras da metrificação e ao alambicamento da phrase.

A primeira pagina da Revista dá-nos um escripto intitulado: *Sonhando*, assignado pelo Sr. Luiz José Pereira Silva e dedicado á A. C. de Souza Raposo. E' um conselho de amigo sob fórma allegorica e em prosa metrificada: — agradou-nos, salva ainda a suspeição.

Por falta de espaço não nos occupamos do resto; e mesmo, somos inimigos figadal da — declamação.

O Atheneu Medico-Academico discutiu em sua ultima sessão o ponto proposto pelo Sr. Pereira de Souza: — *A operação do empyema deverá ser praticada? No caso affirmativo em que circumstaucias?* —

Recebeu communicações verbaes sobre quatro casos de clinica cirurgica relatadas pelo Sr. Souza Lima.

Como se vê, os assumptos são de utilidade real e immediata para os socios.

O Sr. Azevedo Pinheiro, alumno do 2.º anno do curso mathematico publicou uma arithmetica de resumido texto; para o fim á que é destinada, não deixa de merecer attenção. Pedimos ao Sr. Pinheiro que não se esqueça das mathematicas superiores e dê-nos depois fructo de seus trabalhos.